

ARQUITECTURA

ARQUITECTURA

COLEÇÕES ATRAZADAS

2.º VOLUME (11 NÚMEROS COMPLETOS)
INCLUINDO PORTE DO CORREIO: 32\$00 ESCUDOS

3.º VOLUME (13 NÚMEROS COMPLETOS)
INCLUINDO PORTE DO CORREIO: 38\$00 ESCUDOS

•

TAMBÉM ENVIAREMOS PELO CORREIO
NÚMEROS AVULSO DOS REFERIDOS
VOLUMES, A 3\$00 ESCUDOS CADA

PARA OS ASSINANTES O PORTE DO CORREIO É GRÁTIS

•

ASSINE

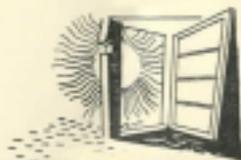
ARQUITECTURA
REVISTA DE ARTE E CONSTRUÇÃO

ASSINATURAS : Portugal e Espanha : 6 números, 42\$00 ;
12 números, 80\$00 • Colónias Portuguesas e Brasil : 12 nú-
meros, 100\$00 • Outros países : 12 números, 120\$00 • As
assinaturas são pagas adiantadamente e podem principiar
em qualquer número

PEDIDOS PARA TRAVESSA DO SEQUEIRO, 4-B • LISBOA • TELEFONE 2 4989

ARQUITECTURA

REVISTA DE ARTE E CONSTRUÇÃO



Director, editor e proprietário: F. Pereira da Costa • Composição e Impressão: Empresa de Tipografia e Publicidade, Lda., T. do Sequeiro, 4-B, Lisboa • Administração (provisoriamente): T. do Sequeiro, 4-B, Lisboa-Telefone 2 4989 • ASSINATURAS: Portugal e Espanha: 6 números, 42\$00; 12 números 80\$00 • Colónias Portuguesas e Brasil: 12 números, 100\$00 • Outros países: 12 números, 120\$00 • As assinaturas são pagas adiantadamente e podem principiar em qualquer número.

S U M Á R I O

Editorial, página 4 • Porto, página 5 • Edifício comercial para o Congo, página 7 • Kradojfer, página 10 • Considerações sobre programas de Arquitectura, página 11 • Fábrica de chocolates em Coimbra, página 12 • Moleitas de Arquitectura nacional, página 17 • Tribunas do estádio Willy-Sechs, página 19 • Ecos e comentários, página 23
Bibliografia, página 24

EDITORIAL

No número 15 de *Arquitectura* davamos-te, Leitor Amigo, algumas explicações indispensáveis acerca dos novos rumos em que procuramos lançar esta publicação. Dizíamos, entre outras coisas: — «Queremos enriquecer o recheio da revista: Mais projectos em cada número e maior variedade de assuntos. Incluiremos obras de interesse realizadas no estrangeiro, que o Mundo é vasto, Leitor, e é conveniente estar-se a par do que nele se faz. Queremos aumentar o número das gravuras: Mais e melhores fotografias e desenhos mais explícitos. Queremos melhorar o aspecto gráfico da revista. Queremos ventilar problemas técnicos de grande interesse e actualidade. Queremos dar maior expansão à publicidade...»

Todos estes propósitos tiveram já um começo de realização. Podes verificar com os teus próprios olhos que assim é com efeito. No entanto, não creias que nos consideramos satisfeitos. Visamos mais longe, consideravelmente mais longe. Porém, como então dissémos: — «A experiência ensinou-nos que é fácil fazer uma revista brilhante mas é difícil mantê-la. Procederemos com cuidado, medindo os passos. Iremos até onde for possível, mas gradualmente, sem rasgos aventureiros.»

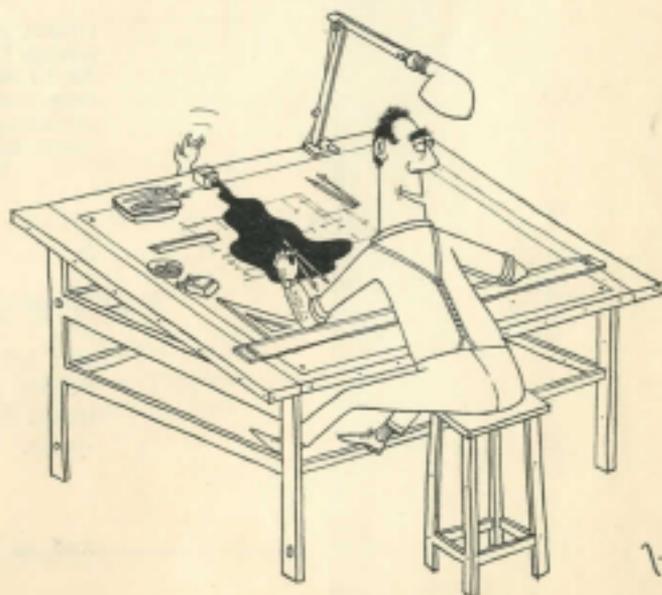
Do nosso programa constava uma melhoria substancial da revista a partir de Janeiro de 1948: Novas capas maior formato, melhor papel, mais páginas, mais assuntos, mais gravuras e mais publicidade. Contávamos ter posto a revista em dia, por essa altura... ter publicado todos os números em atraso. Ai, porém, fracassámos. Por dificuldades várias, alheias à nossa capacidade de conseguir esse propósito (as oficinas de gravura e as tipografias abarrotam de trabalho e não chegam para as encomendas), não recuperámos o tempo perdido com a rapidez que esperávamos. E daí encontrarmo-nos numa situação delicada, embaraçosa: Deveríamos continuar a publicar, por tempo indeterminado, números atrasados, com todos os inconvenientes que isso comporta para o prestígio da revista e para o leitor? Ou deveríamos antes cumprir o nosso programa, dedicar os nossos esforços a melhorar esta publicação em vez de os queimar numa luta quixotesca contra o tempo? Por outras palavras: Deveríamos considerar como obrigação primacial a de pôr a revista em dia ou a de melhorá-la? Ponderámos o caso, consultámos amigos e colaboradores e optámos pela segunda hipótese. Passaremos, pois, em claro alguns meses e começaremos o novo ano com o número de Janeiro. A ordem da numeração, porém, mantém-se; e como as assinaturas são feitas por séries e não por anos ou semestres os assinantes receberão exactamente os números que desejaram receber e pagaram. Quanto aos que compram a revista avulso, para esses não haverá problemas.

Esperamos que a necessidade e as vantagens deste pequeno subterfúgio serão compreendidas e aceites, tanto mais que só beneficiarão o Leitor.

A nossa revista não tem propósitos lucrativos. Mantém-se para servir a *Arquitectura* em Portugal, e o esforço ultimamente despendido para tal fim tem merecido a compreensão e a simpatia de muitos. Que uma e outra não faltem e não nos pouparemos a trabalhos para levar por diante o nosso programa de progressivas melhorias.

JOÃO SINHO, ONDE ESTÁS? ANDA CÁ VER AS CASINHAS BONITAS QUE O PAPÁ ESTÁ A FAZER...

Desenhado especialmente para «Arquitectura» por João Abel



PORTO

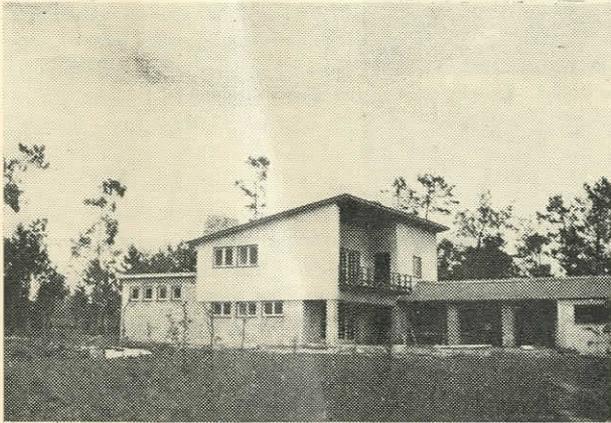
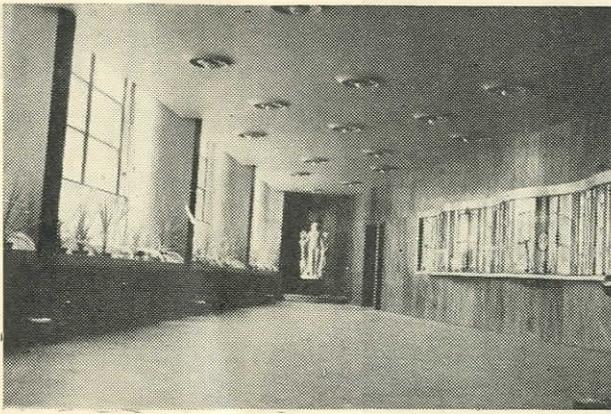


INTERCÂMBIO PROFISSIONAL

NOS três primeiros dias do passado mês de Agosto, um numeroso grupo de arquitectos de Lisboa visitou o Porto, por injeiativa de alguns, bem acolhida por todos. A visita, que decorreu num ambiente de extrema cordialidade e franca camaradagem, acabou por constituir para os visitantes — deve dizer-se sem rodeios — uma «inesperada» lição de arquitectura contemporânea. Realmente, só «vivendo de costas» se compreende que possa ser «inesperado» o conhecimento das obras de oficiais do mesmo ofício, que trabalham num mesmo país, a 300 e poucos quilómetros de distância. Mas, por um lado, a falta de revistas da especialidade nas duas cidades e, por outro, certa rivalidade, repudiada pela maioria, mas latente, têm mantido desde sempre afastados os profissionais duma classe que tanto carece do convívio e da discussão dos seus problemas.

Parece ter-se quebrado, finalmente, o isolamento e, numa data próxima, teremos entre nós os arquitectos do Norte, em visita à nossa cidade, onde não pode dizer-se, infelizmente, que terão muito que aprender, a não ser talvez no que diz respeito à solução de certos conjuntos urbanos. Na verdade, em Lisboa tem-se construído muito nos últimos anos, mas tem prevalecido a quantidade sobre a qualidade...

Por mais inexplicável que pareça, na segunda cidade do País há mais arrojada iniciativa, maior coragem na luta contra certos preconceitos e, sobretudo, melhor compreensão das soluções arquitectónicas do nosso tempo.



AS FOTOGRAFIAS QUE ACOMPANHAM ESTAS NOTAS SÃO DE OBRAS DOS ARQUITECTOS ARMÉNIO LOZA, CASSIANO BARBOSA, DELFIM AMORIM, OLIVEIRA MARTINS, ALFREDO MAGALHÃES E ARTUR ANDRADE

posição Industrial a realizar no Parque do Palácio de Cristal em 1949, cuja concepção, estamos certos, honrará o País e o seu autor.

Convém ainda acrescentar, em abono da verdade, que além de termos sido primorosamente recebidos e acarinhados, fomos principescamente *alimentados*...

E aqui termina esta breve resenha da primeira reunião de arquitectos portugueses que conseguiu congregiar cinquenta profissionais duma classe na qual — apesar da necessidade de convívio de que acima falávamos e talvez por exacerbada noção de personalidade — não abundam as boas relações entre os seus componentes... provávelmente, como em todas as outras.

Vêm-se fábricas que são fábricas e não pretenciosos barracões e habitações sem arrebiques nem pseudo-imitações dum passado que foi moderno na sua época ou dum popular que só se explica quando é sincero e vem a propósito.

E paramos por aqui para não nos afastarmos mais do nosso objectivo que é apenas o de noticiar a visita, à qual de resto a imprensa diária se referiu oportunamente.

Dos três dias que durou a viagem, dois foram quase integralmente preenchidos com a visita a edificios do mais diverso carácter e volume, mas de idêntico interesse. não só no Porto como em Póvoa de Varzim, Fão, Esposende e Viana do Castelo.

Seguindo o percurso cuidadosamente estudado pelos arquitectos do Porto, os de Lisboa tiveram ocasião de ver várias habitações colectivas e individuais, uma fábrica de seda artificial e uma outra de çordoaria mecânica, o grande cinema da Batalha e a maravilhosa estância balnear, turística e desportiva ainda em realização na extensa zona de pinhal compreendida entre a foz do rio Cávado e o mar.

Este conjunto compreende actualmente um «restaurant» à beira-mar para serviço de uma grande pousada — ainda em acabamento — e das casas disseminadas pelo pinhal, que não dispõem de cozinha; já estão construídas também numerosas moradias pertencentes a particulares, que adquiriram os seus terrenos à Sociedade Ofir-Fão a quem se deve esta iniciativa. O projecto prevê ainda um enorme campo de «golf», campos de «tenis», recintos para tiro aos pombos e pratos, um pequeno estádio, um «club» náutico, hotéis médios e de luxo, casino, etc., enfim todos os requisitos que podem tornar amena uma estância balnear onde, comô é óbvio, a praia — aliás excelente — constitui a principal atracção.

Por toda a parte nos foi dado admirar o mesmo espirito progressivo, quer na concepção quer na construção dos edificios, o que revela boa compreensão da arquitectura moderna por parte de arquitectos, clientes e executantes.

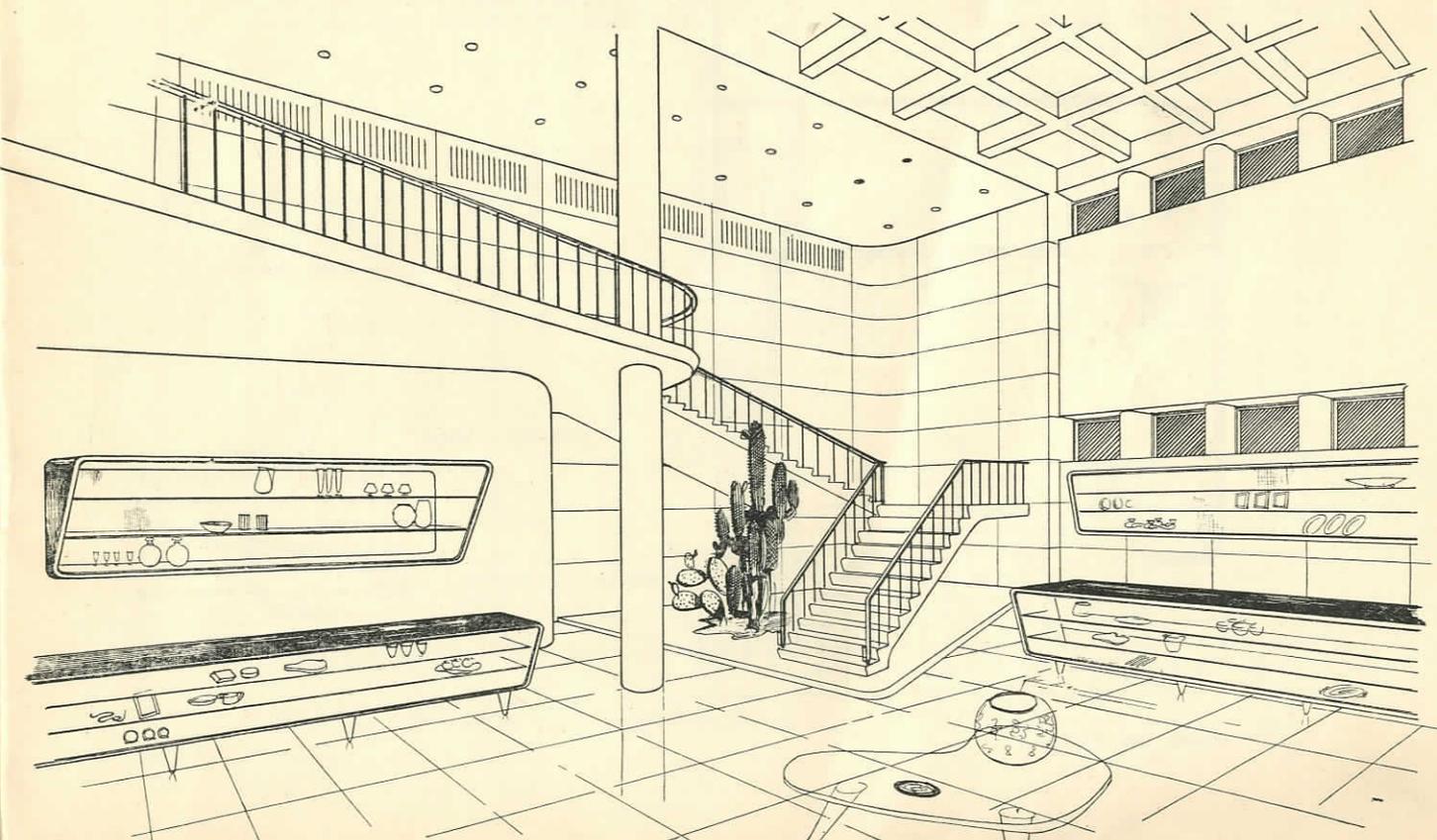
Não fazemos relação pormenorizada dos muitos edificios visitados, nem dos nomes dos seus autores, porquanto pensamos publicar brevemente nesta revista os respectivos trabalhos.

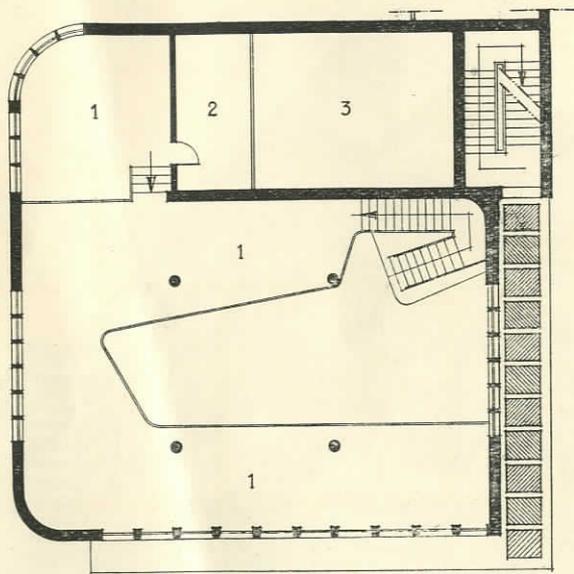
Merece, porém, uma especial referência a visita à sede da Associação Industrial do Porto, onde nos foi dado admirar o ante-projecto da Ex-

HERNANI GANDRA
FERNANDO PERES
ARQUITECTOS



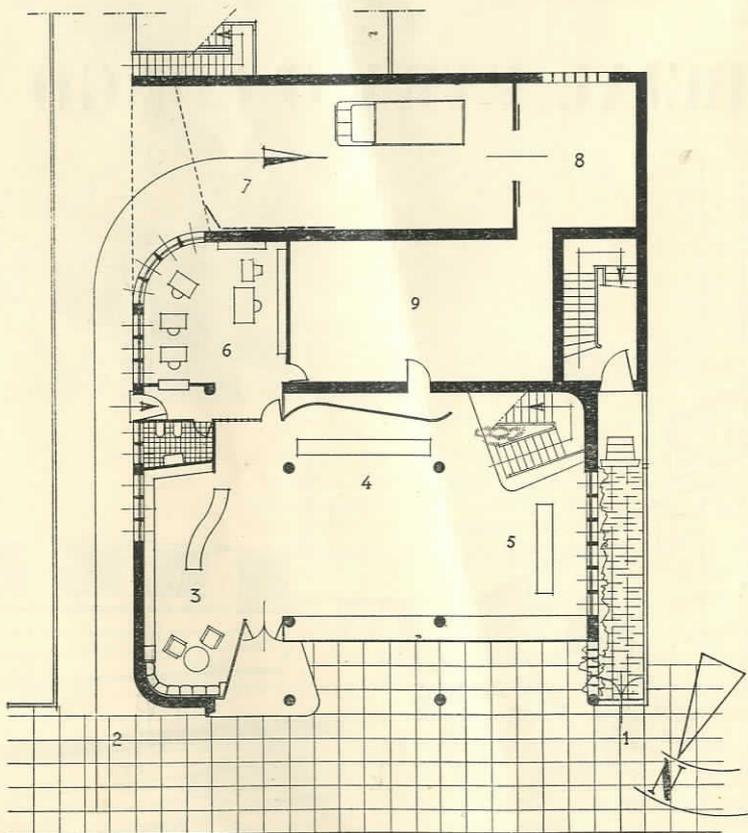
EDIFÍCIO COMERCIAL PARA O CONGO





1.º ANDAR - GALERIA

0 1 2 3 4 METROS



R/C

0 1 2 3 4 METROS

É ESTE ante-projecto o primeiro estudo para um edificio que se destina a instalações comerciais e habitação dos proprietários de uma firma no Congo Belga.

Consta o conjunto comercial duma loja, várias secções que se distribuem por uma zona ao nível da rua, e por uma galeria de exposição e venda, dum armazém, duma garagem e de um escritório instalado de forma a permitir vigiar, directamente, o movimento nestas dependências.

A passagem particular que conduz à garagem dá também acesso ao escritório e à escada de serviço.

Ocupam o ultimo pavimento as moradias dos proprietários, constituídas pelas habitações propriamente ditas, e por um anexo onde se instalaram as cozinhas, copas, etc.

Note-se a influência do meio no propozitado afastamento deste bloco e na ausência de quartos para criados.

O cimento, o ferro e a mão de obra foram as determinantes do sistema construtivo; as condições climatéricas impuseram a esse sistema formas adequadas.

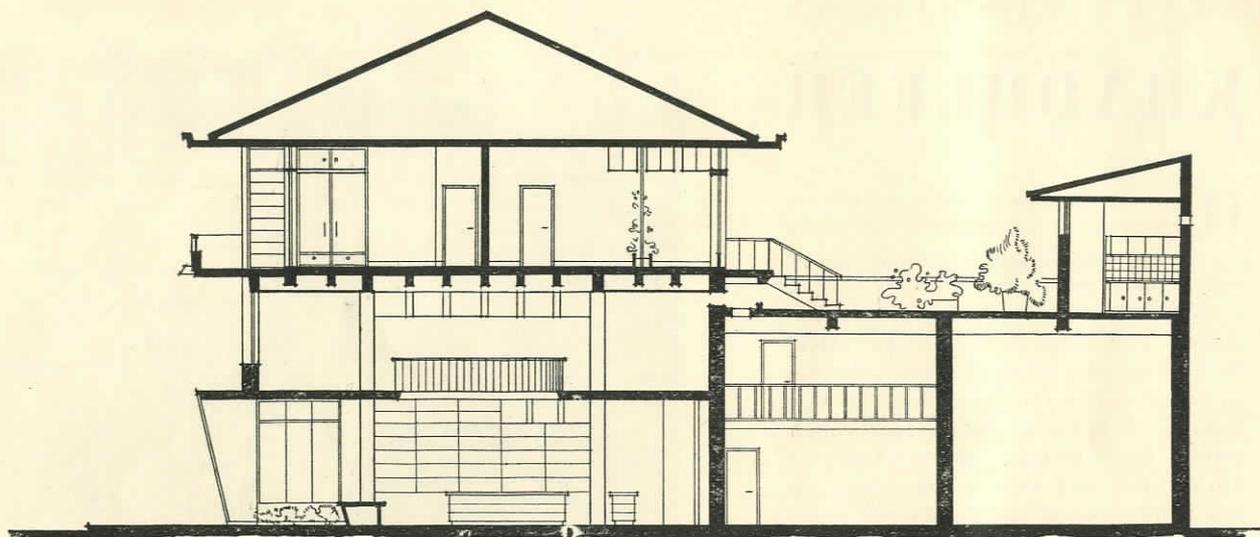
Assim, o recuo das montras, a varanda das habitações e a aba da cobertura, bem como o rotulado sobre a entrada e a sequência de palas que guarnecem o vão da caixa da escada são uma interpretação estética dum sistema indispensável de protecção contra o Sol.

1.º ANDAR

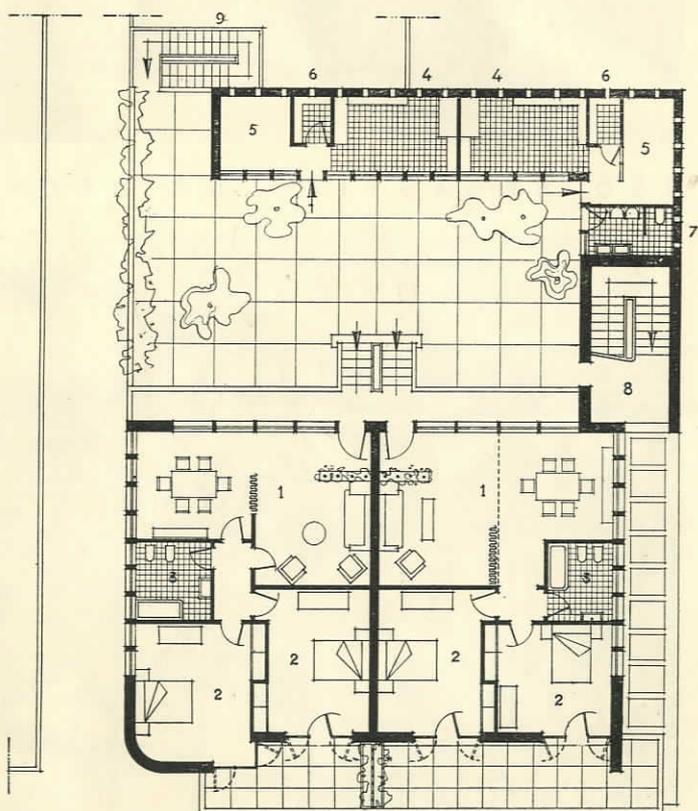
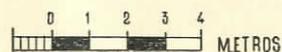
1 - GALERIA DE EXPOSIÇÃO -
2 - GALERIA DE DEPÓSITO
SOBRE O ARMAZÉM - 3 - VÃO
DO ARMAZÉM

RÉS-DO-CHÃO

1 - ENTRADA PARA AS HABI-
TAÇÕES - 2 - ENTRADA DE
CARROS E SERVIÇO - 3 - LIVRA-
RIA - PAPELARIA - 4 - VIDROS
- 5 - OURIVESARIA - 6 - ESCRI-
TÓRIO - 7 - GARAGEM - 8 -
RECEPÇÃO - 9 - ARMAZÉM



CORTE LONGITUDINAL



PLANTA DAS HABITAÇÕES



A abertura dos vãos e a sua posição em cada peça revela, por outro lado, pretensão dos autores de garantirem ao edifício uma boa ventilação em todos os sentidos para o que contribui, como se pode verificar no corte, o desnível conseguido entre os pavimentos do terraço e das habitações.

Foi prevista uma cobertura de fibro-cimento aplicada sobre uma estrutura de madeira, preferida pela sua ligeireza e economia permitindo um amplo vão de isolamento térmico.

Estão além disso considerados isolamentos especiais nos tectos das habitações.

- 1 — SALA DE ESTAR-COMER
- 2 — QUARTOS — 3 — BANHO —
- 4 — COZINHA — 5 — COPA
- 6 — DESPENSA — 7 — RETRETE
- 8 — ESTRADA PRINCIPAL

KRADOLFER

HÁ uns bons quinze anos, o lisboeta despreocupado, embuído no gosto morno e ensosso das artes publicitárias de então, foi sacudido por alguma coisa de novo que se passava nessa esfera reduzi-díssima. Nas montras do Instituto Pasteur de Lisboa, ali na Rua do Carmo, depara-va-se com um arranjo de concepção dife-rente, onde predominavam esquisitas har-mônias de finíssimos cinzentos coloridos nos cartazes de réclame e nas embalagens dos respectivos produtos químicos, remo-çadas com um novo desenho, bem propor-cionadas, limpas, nítidas. Impressionavam fortemente tais coisas.

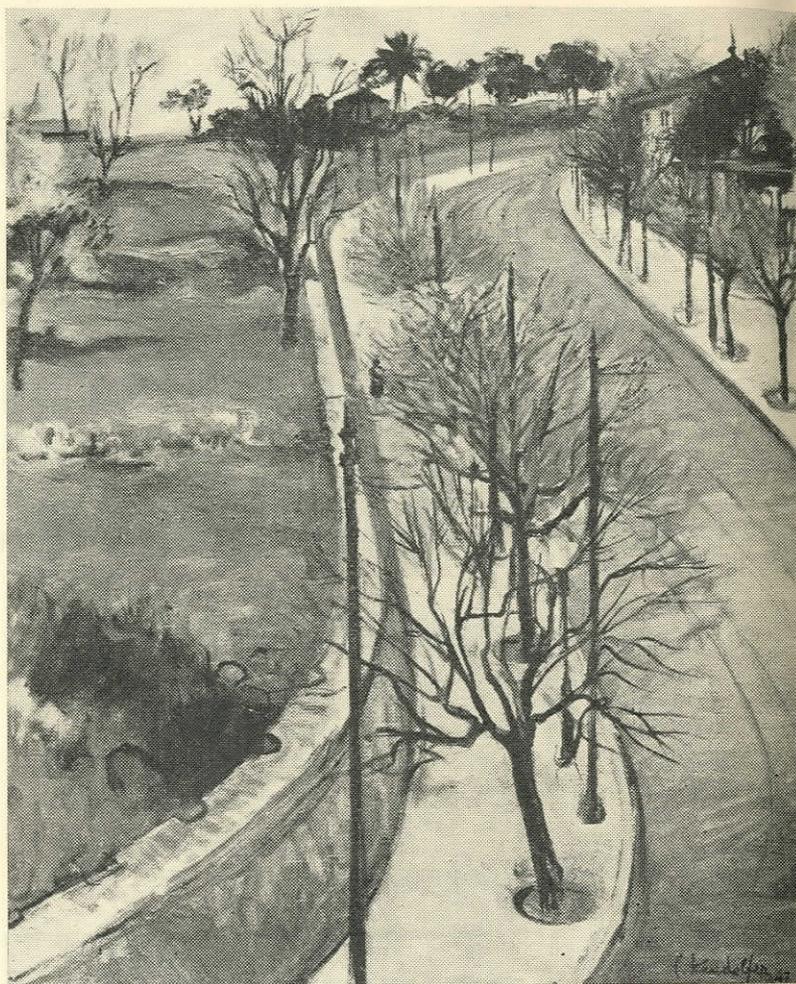
Ao mais viajado e atento às coisas de arte não passou despercebida a identidade do que via com a estética de cores graves, sombrias dos tempos heróicos do Cubismo. Era Fred Kradolfer o autor desses arran-jos e cartazes, um suíço, que, por essa altura, arribara a Lisboa e por força do destino havia de ter um papel de impor-tância nas nossas artes. Do sentido arqui-tectónico de proporção, da extraordinária sensibilidade de cor, do seu espírito ima-ginativo e da fácil adaptação à vida por-tuguesa de Fred Kradolfer resultou uma obra de renovação nas artes decorativas, gráficas e publicitárias.

Volvida uma quase vintena de anos e depois de quase dois anos de ausência, Kradolfer voltou, mais pintor, menos duro, mais maleável, as suas cores aligeiraram-se, certa dureza, certo construtivismo indis-pensável então deu lugar a um lirismo imaginativo, característica da última fase da sua obra.

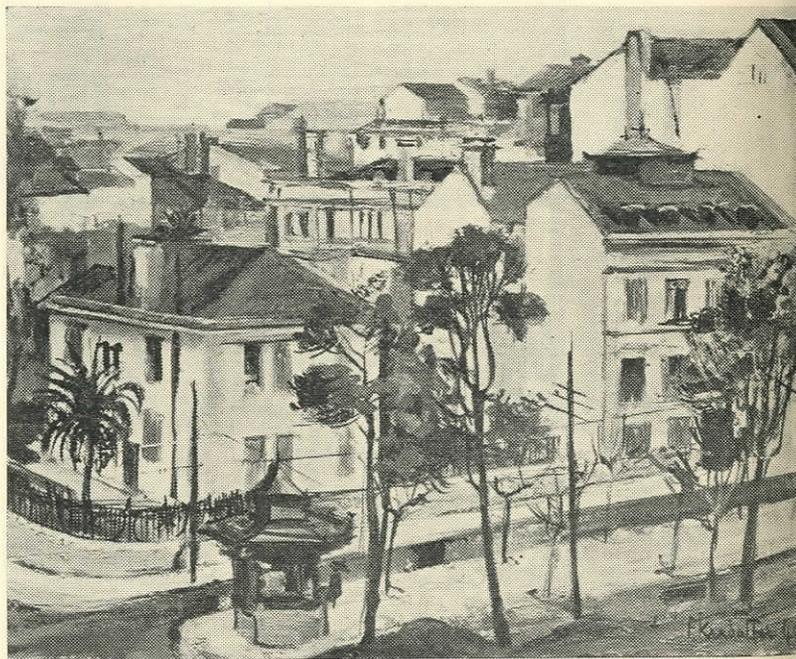
Como pintor, considera-se ele próprio um amador, porém constituíram sempre peças de real interesse os envios que fez a diversas exposições independentes que se realizaram.

O conjunto de algumas das suas últimas obras expostas há pouco na Galeria Instanta provaram a sua grande qualidade de pintor. Kradolfer, possuidor dum subtil subjecti-vismo imaginativo, preferiu, porém, nessas últimas pinturas, dar-nos uma interpreta-ção de coisas portuguesas com a sua alma simples, afectiva, nessa bela dezena de óleos que nos apre-sentou despretenciosamente.

F. G.



SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA



ARQUITECTURA

UMA obra de architectura tem de ser encarada como um todo. Foi e será sempre assim.

Um conjunto architectónico não é perfeito se todas as partes não corresponderem inteiramente à sua função.

Em architectura é isso o fundamental.

Atingir uma elevada beleza, por formas simples, dentro de normas funcionais, aproveitando o progresso da Técnica, no anseio de melhores condições materiais, para atingir um nível espiritual consequente, é, a nosso ver, o caminho que as correntes de architectura mais avançada procuram atingir.

Não há dúvida de que o Architecto, estando ao facto do que de progressivo se faz no estrangeiro, em certas especialidades, está em melhores condições para atingir os objectivos em vista, mas, no entanto, isso não basta, é preciso também não desconhecer o nosso meio e as nossas possibilidades para tirar o melhor partido das circunstâncias.

Não contando com realidades que, infelizmente, entre nós ainda se verificam, já lá vão os tempos em que a fachada nada tinha que ver com a planta.

Hoje, a primeira é francamente dependente da segunda.

Por isso, um problema de architectura tem sempre um programa de elementos concretos a arrumar e a compor.

É, portanto, de real importância saber o que vai resolver-se; conhecer o conteúdo de cada peça desse programa, o seu fim, a sua mecânica própria, o que lhe dá a sua razão de ser.

Uma cozinha, um W. C., um quarto, uma sala de estar têm naturalmente características especiais. Um cinema, um hospital têm programas perfeitamente definidos.

O programa é, pois, o ponto capital da obra a resolver. Antes dela, tem aquele de ser solucionado convenientemente.

Podemos afirmar que muitas obras ultimamente construídas no País foram realizadas sem um verdadeiro programa, improvisando-se, quando, afinal, o tempo despendido com o seu estudo só beneficiaria as obras realizadas.

Quando um outro programa surge, só os architectos sentem com tristeza o mal que isso causa à obra já em curso.

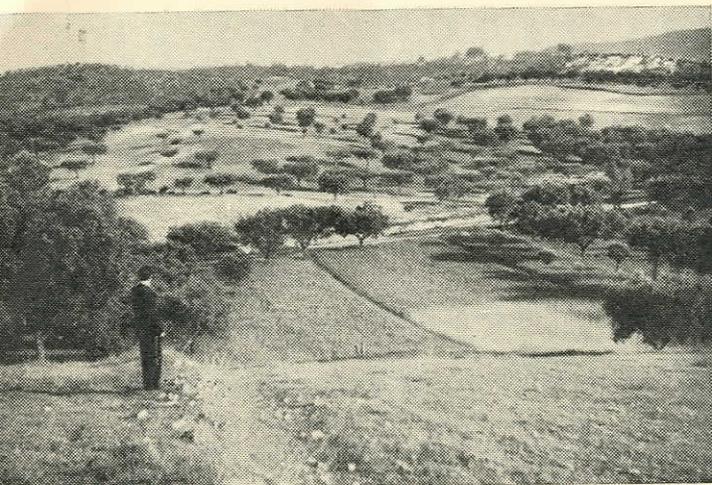
Quantas vezes o futuro proprietário não tem ideias assentes sobre o programa que pretende; algumas vezes as suas ideias só concretizam simples pormenores, coisas que já viram em revistas, um terraço assente sobre «arquinhos» ou umas janelas com grades de ferro forjado, e ainda outras coisas que nenhuma importância fundamental apresentam para a sua questão.

Não só o particular como o próprio Estado e os Municipios, através dos técnicos seus representantes, têm a veleidade de se alargarem na indicação destes pormenores e de outras recomendações do mesmo estilo, sem curarem de indicar o essencial.

É tempo também de acabar com o que muitos têm presente: que o Architecto apenas serve para fazer fachadas bonitas.

O Architecto não pode realmente ser enciclopédico, qualidade muito bela, mas inimiga até certo ponto da sua acção profissional.

Forneçam-se ao Architecto programas concretos, chamando-o até à colaboração dos mesmos se preciso fôr, tanto mais que sempre se verifica que, mau ou bom, o programa é sempre completado por ele. Desse modo, estará o Architecto apto a resolver bem a obra desejada. De outra maneira, será apenas decorador e então ficará limitada a sua missão a fazer fachadas.



FÁBRICA DE PARA A FIRMA

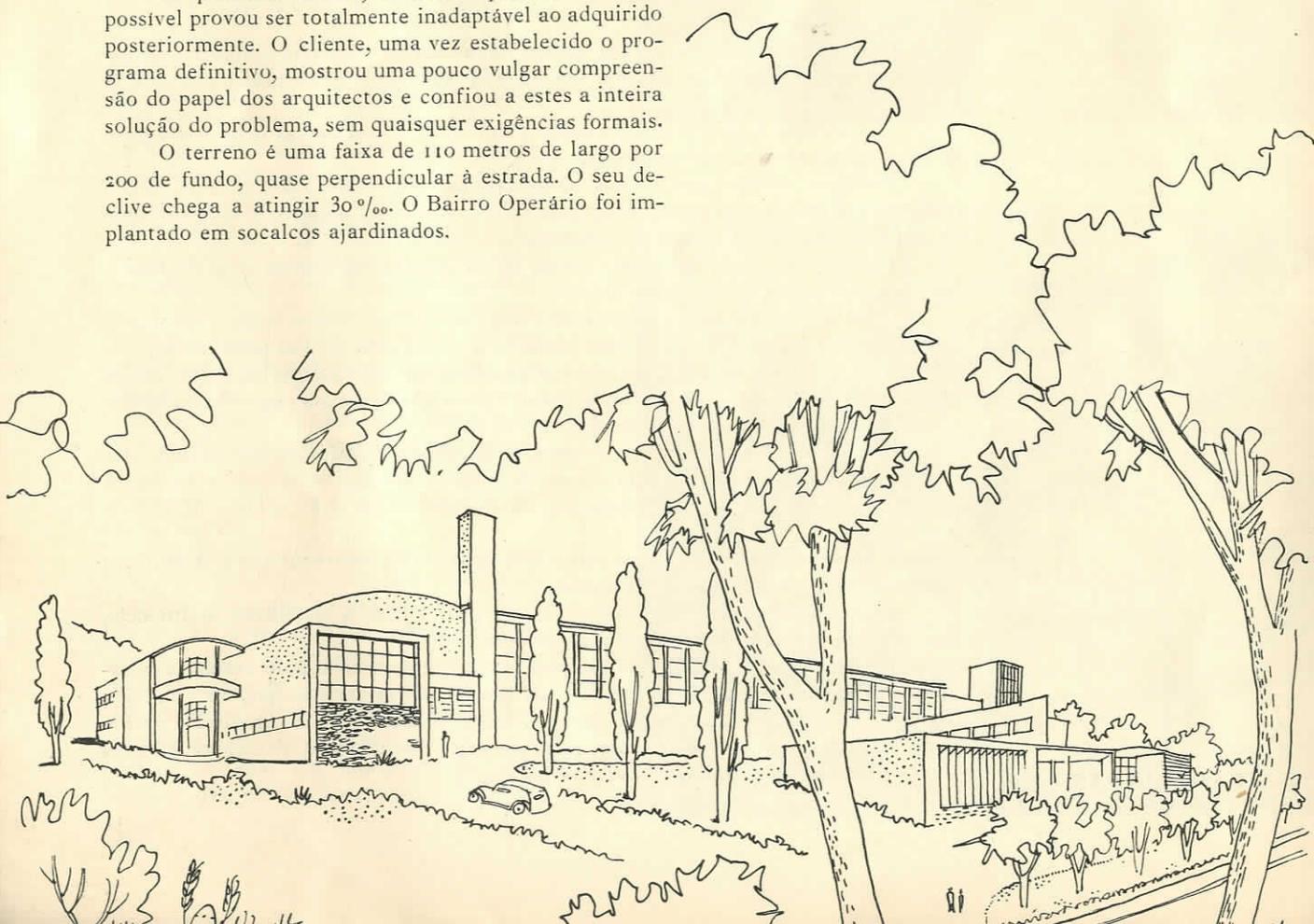
ARQUITECTOS

J. BENTO D'ALMEIDA
GARIZO DO CARMO
VICTOR PALLA

A CONSTRUÇÃO estende-se pela vertente sul de uma colina, que, à saída de Coimbra, ladeia a estrada Lisboa ao Porto. O programa da obra, tanto do conjunto como da fábrica propriamente dita, foi redigido pelos arquitectos, depois de várias conferências com o cliente e com os seus técnicos e de algumas visitas a instalações já existentes.

Um primeiro estudo, realizado para um terreno possível provou ser totalmente inadaptável ao adquirido posteriormente. O cliente, uma vez estabelecido o programa definitivo, mostrou uma pouco vulgar compreensão do papel dos arquitectos e confiou a estes a inteira solução do problema, sem quaisquer exigências formais.

O terreno é uma faixa de 110 metros de largo por 200 de fundo, quase perpendicular à estrada. O seu declive chega a atingir 30‰. O Bairro Operário foi implantado em socacos ajardinados.

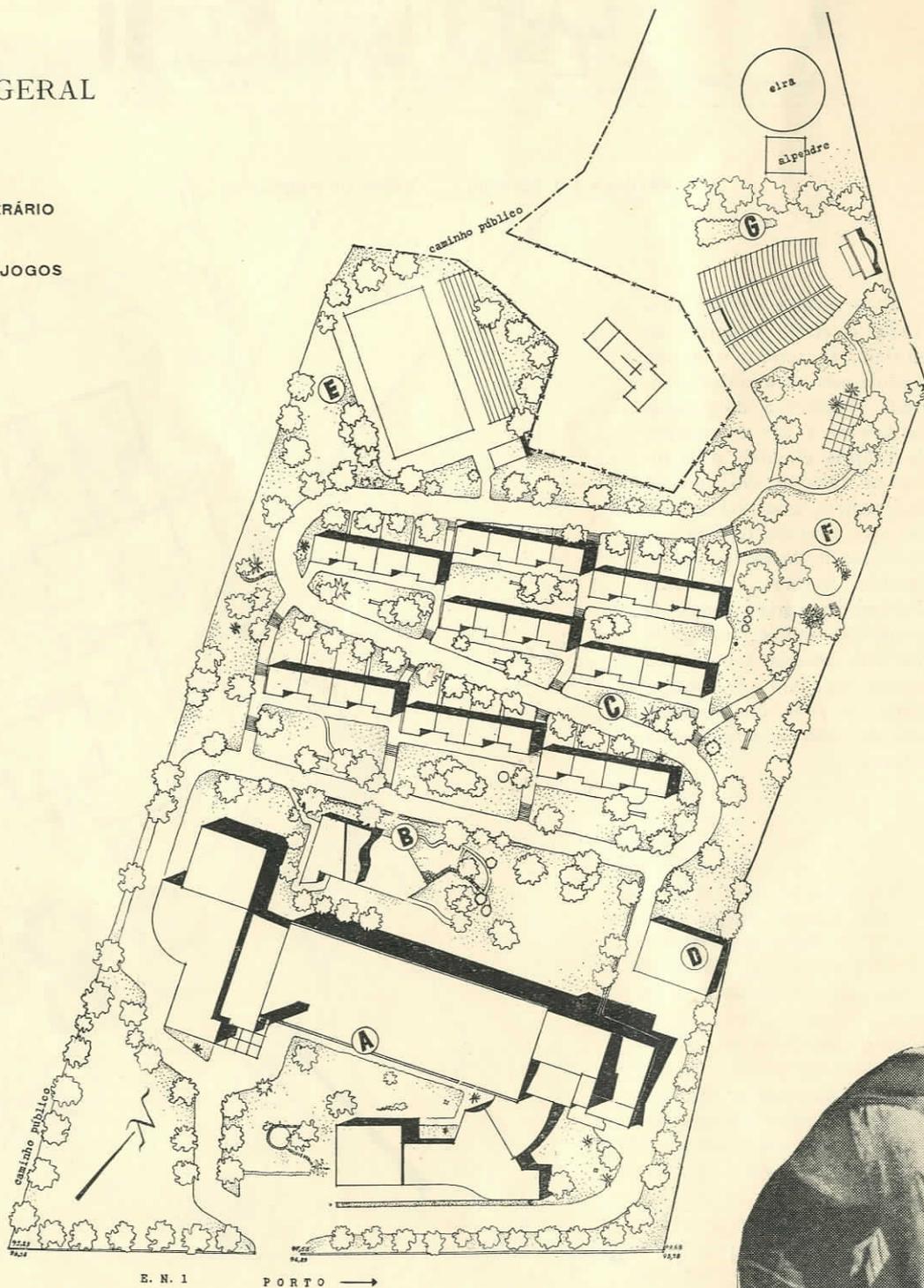


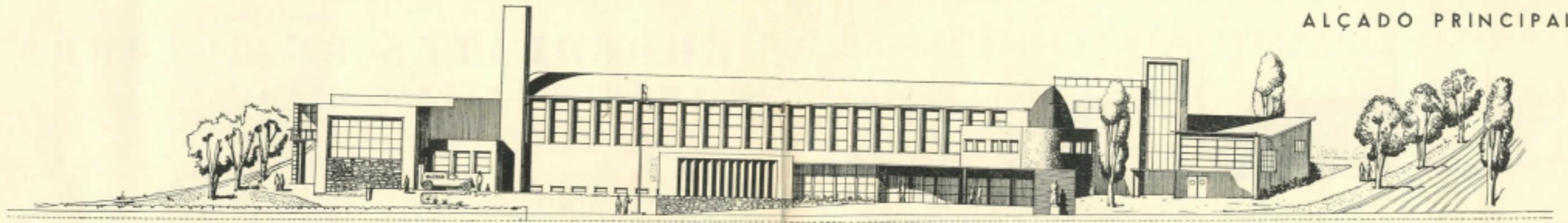
CHOCOLATES EM COIMBRA

PRODUTOS ALTRIZ LDA.

PLANTA GERAL

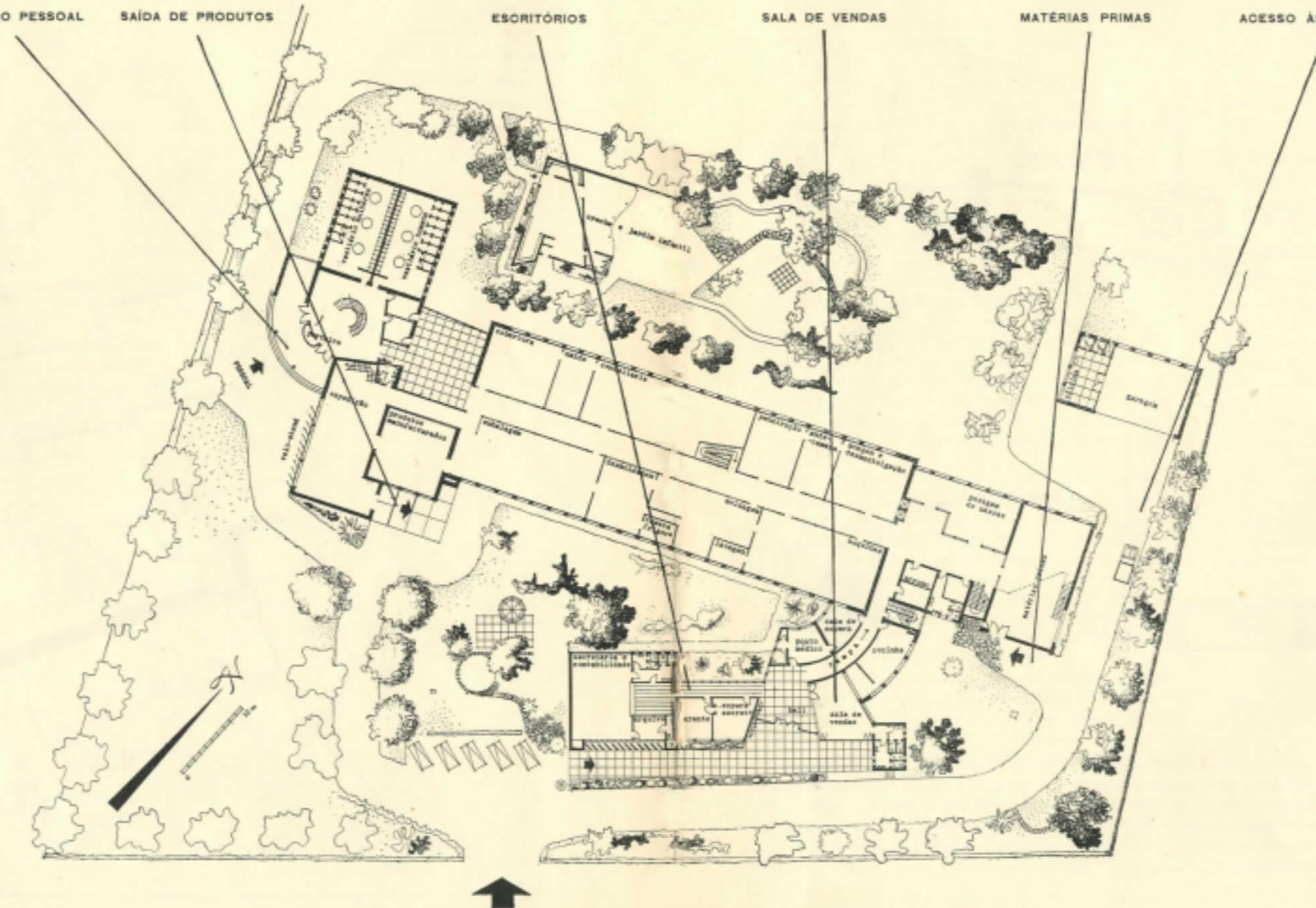
- A — FÁBRICA
- B — CRECHE
- C — BAIRRO OPERÁRIO
- D — GARAGEM
- E — CAMPO DE JOGOS
- F — PARQUE
- G — AUDITÓRIO





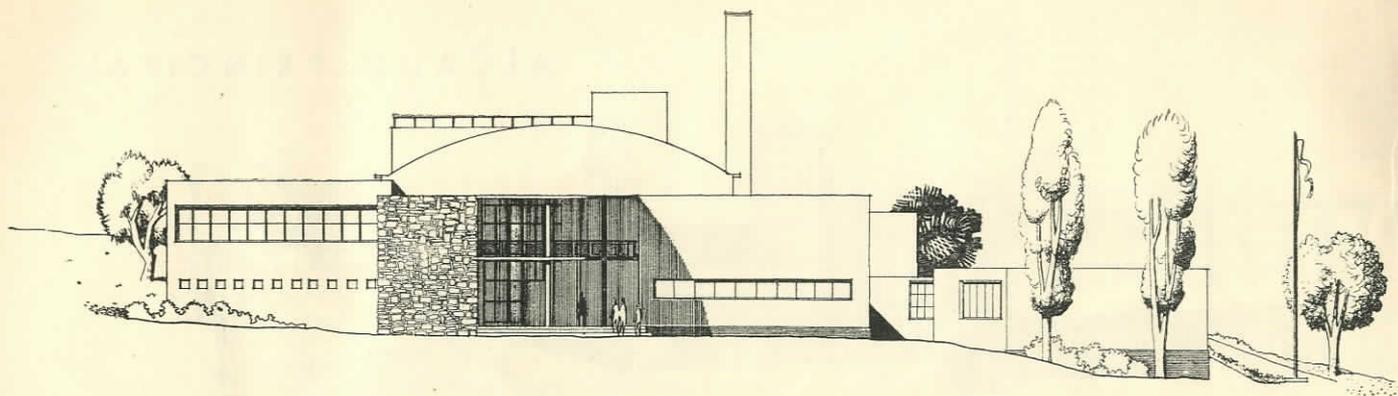
ENTRADA DO PESSOAL SAÍDA DE PRODUTOS ESCRITÓRIOS SALA DE VENDAS MATÉRIAS PRIMAS ACESSO ÀS GARAGENS

É de nível, e oblíquo à estrada, o corpo principal do edifício. O terreno tem um único acesso do exterior — entrada simultânea do pessoal da fábrica e dos escritórios, da própria clientela e de todos os veículos. No edifício da gerência, uma sala de vendas abre para um terraço que pode servir de esplanada ao público. Árvores e relvados dividem as várias zonas. O trânsito automóvel (entrega de matérias primas e saída de manufacturados) é concentrado na zona quase plana, sem devassar as trazeiras da fábrica.

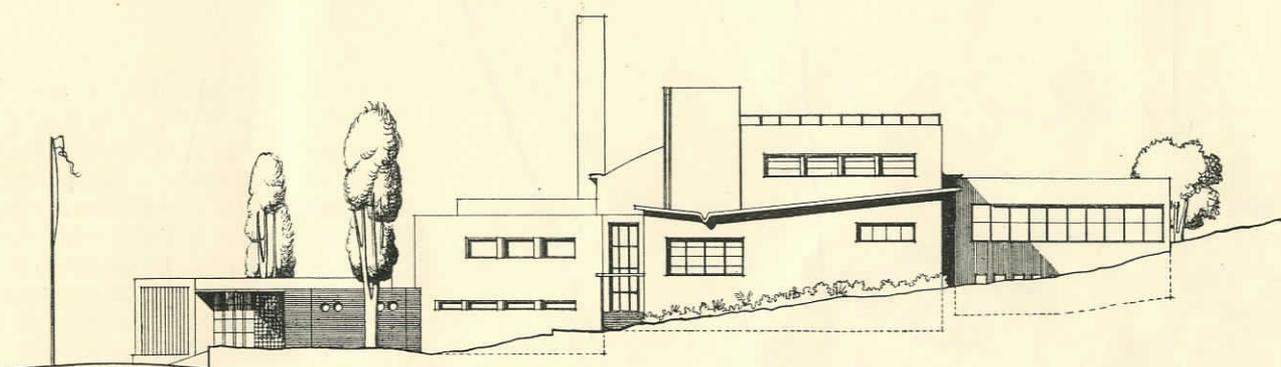


P L A N T A

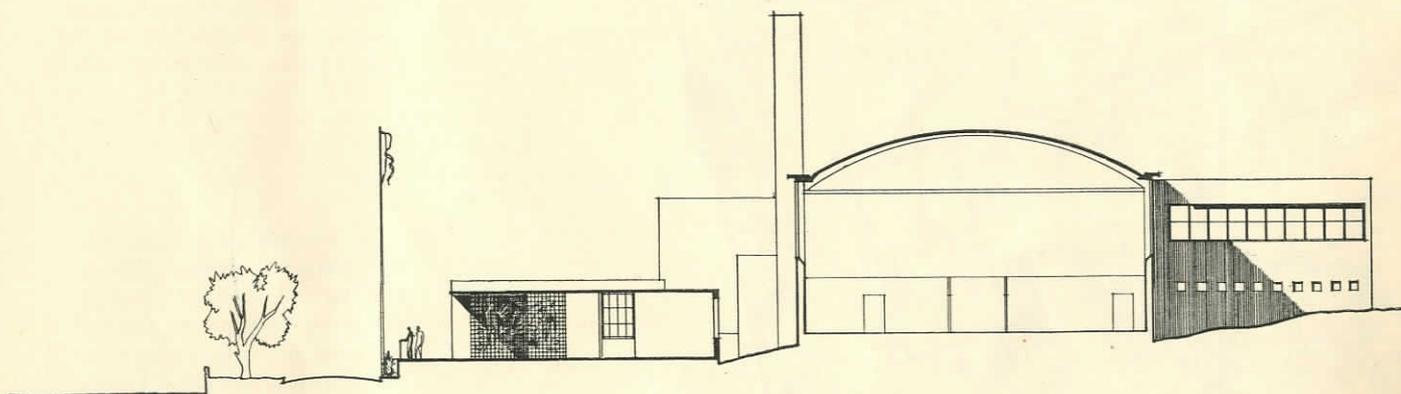
A entrada de pessoal e a de matérias primas dão-se em extremos opostos do corpo principal. O ciclo de fabrico inicia-se no extremo nascente, várias operações prévias dividem-se por uma zona de três pisos; a marcha dos produtos tem seu termo num grande armazém de manufacturados. Parte do declive foi aproveitado para uma cave (caldeiras, combustível, sanitários). Entre o bairro residencial e a fábrica ficam a creche e o jardim infantil.



ALÇADO POENTE
ZONA DO PESSOAL



ALÇADO NASCENTE
INÍCIO DO FABRICO



CORTE

O refeitório do pessoal fica no 1.º andar e possui cozinha, cantina, sala de estar e uma ampla varanda. Várias soluções técnicas (protecção contra o sol, aproveitamento de terraços, ampliação de zonas cobertas) poderão modificar o aspecto estético deste ante-projecto. O sistema de construção previsto é o de uma estrutura de cimento armado preenchida por alvenarias de pedra e tijolo. Encara-se, porém, a possibilidade de utilizar quase exclusivamente o cimento armado ou até qualquer sistema de blocos. Coberturas em laje—excepto a do corpo principal, resolvida por uma abobadilha armada.

2

O ARQUITECTO E O ATELIER

PENSA-SE, e com certa razão, que o contacto com as realidades do *atelier*, a elaboração de projectos «para realizar», actuará como neutralizante das facilidades e devaneios escolares e fornecerá aos jovens arquitectos uma bagagem de conhecimentos práticos indispensáveis ao seu ingresso activo na profissão. No entanto, julgo que as vantagens do trabalho nos *ateliers*, tal como as coisas se passam entre nós, não são tão substanciais nem tão úteis como se admite. Primeiro porque muitos dos jovens arquitectos não buscam nesse trabalho mais do que um meio de ganhar dinheiro; segundo, por que muitos dos arquitectos não veem nos seus futuros colegas mais do que simples auxiliares da sua «indústria»; terceiro, porque o trabalho nos *ateliers* padece, em certa medida, dos mesmos vícios que a Escola (*).

Não é de estranhar que um jovem, desejoso (ou mesmo precisado) de ganhar a vida, e sem o culto da Architectura, que a Escola não lhe soube insuflar, veja no *atelier* o meio mais fácil e rápido de ganhar uns cobres, apenas isso. Contudo, faz pena ver rapazes novos, na idade dos gestos desinteressados, da sede de aperfeiçoamento, da ânsia de melhorar o Mundo, trabalhar sem brio, sem interesse, sem curiosidade e saltitar de um *atelier* para outro só porque lhe pagam mais um escudo à hora.

Por outro lado, é grande a parte da culpa dos arquitectos nessa situação. Tem de se dizer, embora custe, que a maioria dos nossos *ateliers* são apenas fábricas de projectos... Apenas isso, bem vistas as coisas. E se é certo que dessa orientação essencialmente prática tiram os jovens arquitectos alguns ensinamentos, não creio que sejam esses os ensinamentos ideais para quem está prestes a ingressar na vida como senhor do seu próprio futuro e, em parte, senhor do futuro da Architectura, o que é mais sério.

A passagem pelo *atelier* fez compreender ao jovem arquitecto que a sua acção profissional não consistirá como a Escola lhe fez crer, em fazer bonitos quadros com fabulosos *pantéons*, luxuosíssimos casinos, bancos monumentais... Trouxe-o para o mundo real, onde

essas peças grandiosas, feitas à larga, sem limitações económicas e sem problemas técnicos a condicionar as soluções, cederam o lugar à pequena moradia, ao prédio de rendimento e à remodelação de uma loja. Fê-lo perder ilusões, mas assim teria que ser, e essa é, apesar de tudo, a parte benéfica da acção do *atelier*. No entanto, e daí vem o pior, raramente lhe inculcou a ideia de que nesses pequenos trabalhos há muito que estudar e muito por onde um arquitecto se evidenciar. Não o habituou a «vibrar» perante um problema de aparência simples, a estudá-lo em profundidade, a fugir das soluções fáceis, a dar mais de si do que o cliente pede, a ter um ideal e a lutar por ele, generosamente.

Nós, arquitectos com quem trabalha gente nova, temos realmente graves culpas na inferior qualidade da architectura que para aí se tem feito... Culpas pelos erros que cometemos nas obras e culpas pela pouca atenção que dedicámos à formação moral e profissional dos jovens colegas que trabalharam connosco. Qual de nós, com efeito, se preocupou em lhes aconselhar e emprestar bons livros? Qual de nós se lembrou de organizar pequenos debates sobre problemas de interesse geral ou sobre alguns dos próprios trabalhos em curso? Qual se preocupou em chamar a sua atenção para os erros cometidos nas obras, para que os não viessem a cometer por sua vez? Qual se preocupou em lhes dar a estudar os trabalhos mais úteis à sua formação? E qual, ainda, se preocupou em lhes acompanhar os primeiros passos, uma vez saídos do *atelier* e lançados na vida, arranjando-lhes trabalho e aconselhando-os, para não serem forçados a partir as asas do ideal logo aos primeiros voos.

Creio que muitos teremos pensado nisso e a sério, honestamente. No entanto, pouco ou nada temos feito,

Os arquitectos aceitam duas ou três vezes mais trabalho do que deviam. São tão elevadas as despesas dum projecto que só assim, «despachando» uma quantidade enorme, a profissão se torna suficientemente rendosa. E vá então de acelerar os estudos, de só trilhar caminhos experimentados e sem surpresas, de considerar definitiva logo a primeira solução satisfatória e de a desenhar rapidamente, com vários outros projectos já na forja, que o tempo é dinheiro e os clientes estão todos atacados do mal da impaciência. E como se haveria de prestar atenção aos interesses dos jovens colegas nessa máquina de ritmo acelerado que é o *atelier*?

(*) Num recente passeio ao Porto tive a grande satisfação de visitar alguns «ateliers» de arquitectos novos, animados de excelentes princípios. E julgo que tal facto não deve ser alheio à tentativa de arejamento do ensino da architectura realizada nos últimos anos na Escola de Belas Artes daquela cidade pelo professor arquitecto Carlos Ramos.

É claro que só um forte e bem arreigado idealismo alimentado por um estímulo constante seria capaz de levar um arquitecto a abandonar trabalhos, a perder clientes, até a suportar dificuldades económicas, só para manter isento de mácula o seu culto da Arquitectura e coerente com os seus mais nobres pensamentos a sua vida profissional. Mas aí! O idealismo é uma planta que se dá mal no nosso clima... Cresce pouco. E ninguém a rega, ninguém lhe estimula o crescimento... E aqui tocamos noutras mazelas, das mais graves.

A falta de idealismo! A falta de convicção com que muitos dos nossos arquitectos servem a Arquitectura! Navegam ao gosto dos clientes oficiais e particulares, satisfazendo todos os caprichos, remando a favor de todas as correntes, levem onde levarem!

Pioneiros da arquitectura moderna em Portugal fazem agora apparatus prédios ou edificios públicos, com portas super-barrocas, falsos andares nobres, falsos beirados e janelas-de-aventall-e-chapéu-de-plumas; jovens arquitectos de quem se esperava uma arquitectura jovem, inexperiente mas jovem, aparecem súbitamente mestres na arte dos lugares-comuns, dos rodriguihos arquitectónicos; outros tentam abrir caminho na senda que conduz à fortuna construindo moradias de uma cenografia pretenciosa, feita de arcarias despropositadas, complicadas chaminés, retorcidos e abundantes ferros forjados... Outros, ainda, dedicam-se a procurar nas revistas alemãs e de outras nacionalidades os modelos para as obras de sabor português que tanto encantam os mentores da campanha pró-arquitectura nacional.

Não há nada sólido, profundo, sofrido, na base desses trabalhos. Fogo de vista...

Há tempos a Câmara Municipal de Lisboa pôs em praça uma porção de lotes de terreno junto à Av. António Augusto de Aguiar e decidiu «orientar» a arquitectura dessa nova zona da cidade. Começou por determinar que os projectos só poderiam ser feitos por arquitectos de mérito reconhecido pela Câmara. Depois tentou explicar-lhes que género de arquitectura pretendia — tarefa difícil e comovedora —: aconselhou-os a inspirarem-se no Palácio Ludovice, no edificio da Companhia das Águas, num prédio setecentista da rua dos Bacalhoeiros... um imbróglgio dos diabos. E aí começaram os bons dos arquitectos a quem a Câmara reconheceu mérito (*) a quebrar a cabeça para lhe satisfazer os desejos... para inventar a arquitectura com que o Município tinha sonhado. E quase me esquecia de dizer que este jôgo de adivinhas se referia apenas às fachadas, porque as plantas eram fornecidas pela Câmara, a titulo de sugestão é certo, mas fazendo notar que julgava difícil melhorá-las.

Só um arquitecto, que eu saiba, se recusou a trabalhar em tais condições! Pois bem: a Arquitectura de aparato-e-compromisso nascida das condições em que os arquitectos aceitaram trabalhar passou a constituir o padrão para os novos prédios da cidade. Deu-se por achado o modelo, o «canon» e não se perdeu mais

tempo a procurar novas soluções, a melhorar as plantas, a equipar melhor as cozinhas, a racionalizar a construção. A noa da fachada é que interessa e enche vista... a fachada e o vestibulo. E se é certo que alguns arquitectos assim procedem sinceramente, satisfazendo nessas fachadas e nesses vestibulos aquele gosto da pompa e do aparato que nos ficou da aventura das Índias e do Brasil, outros adoptaram a nova moda arquitectónica apenas porque estão convencidos de que assim satisfarão os desejos da Câmara e verão os seus projectos aprovados mais fácil e rapidamente.

Isto, como exemplo de luta por um ideal. Quanto ao estímulo...

Os arquitectos trabalham por paixão, por vaidade e por dinheiro. E mal da Arquitectura quando não se estimulam as duas primeiras forças impulsionadoras.

Concursos públicos, criticas sérias em publicações sérias, frequentes contactos e debates inter-profissionais, estudos e realizações desinteressadas, «por amor à arte», são outros tantos motivos de estímulo. Mas onde estão essas actividades entre nós? Onde estão esses sintomas de uma vida profissional sã e fecunda?

Que é deles os concursos? Rarissimos, de quando em quando, factos estranhos a uma classe que se desabitou das provas de emulação.

E as criticas, as referências aos trabalhos que realizamos? Onde estão? Quem as faz? Frequentemente referem-se os jornais às obras de arquitectura, mas não para as apreciar como tais; apenas para fazer propaganda dos organismos que as encomendaram e pagaram.

E os contactos e debates inter-profissionais? É enorme a nossa penúria nesse capitulo. Tão grande que cheguei a ficar contente ao ler uma critica feita com elevação pelo Arq. Cristino da Silva ao projecto de arranjo do Parque Eduardo VII, embora «a tarefa» me fosse directamente dirigida.

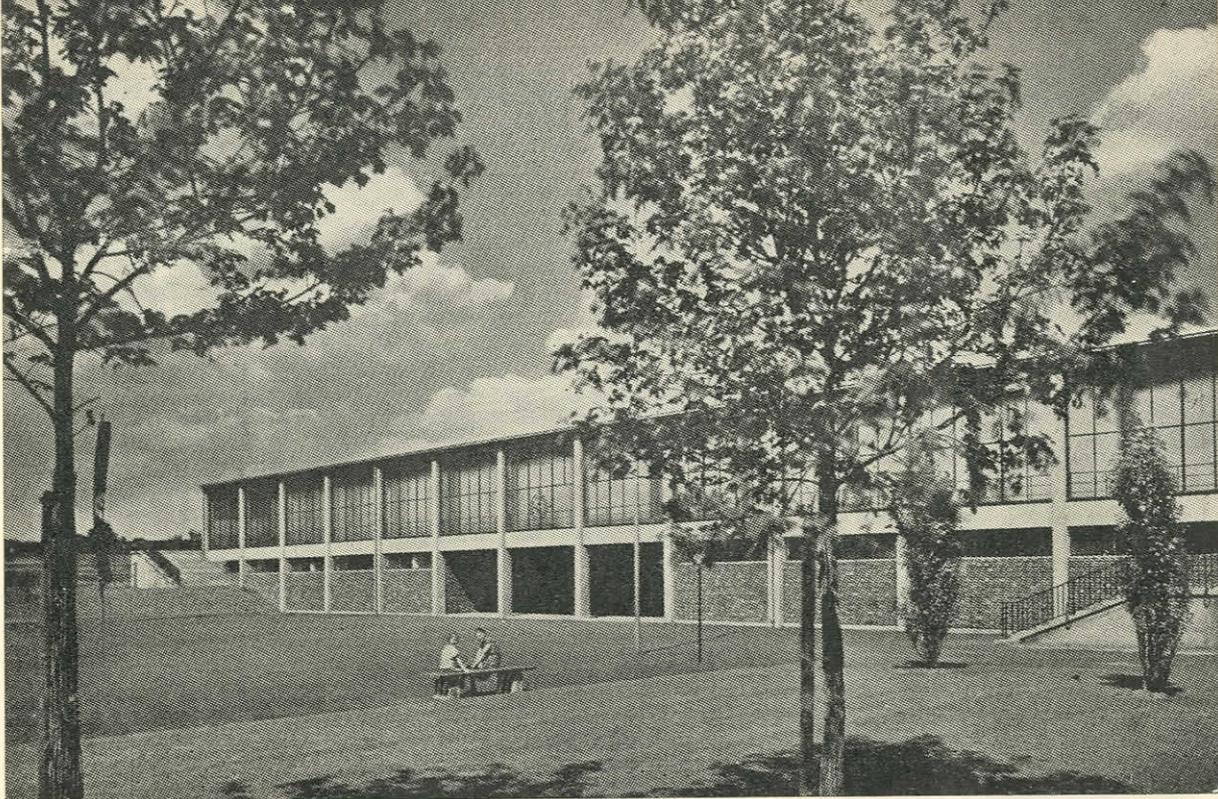
E os estudos e realizações desinteressadas — por amor à arte, como diz o povo? Escravos do tempo e do dinheiro, nenhum de nós se pode dar a esse luxo indispensável...

É realmente pobre, pobríssima de estímulos a nossa vida profissional. Vivemos isolados uns dos outros e do público. Cedo somos forçados a reconhecer que os esforços honestos e sofridos para trazer uma contribuição ao florescimento da arquitectura em Portugal não fazem eco, nem despertam interesse. Trigo e joio são pagos ao mesmo preço e recebidos com a mesma indiferença ou com a mesma exaltada admiração... e cançamo-nos. Desanimamos. Tanto mais que a persistência não é nosso forte.

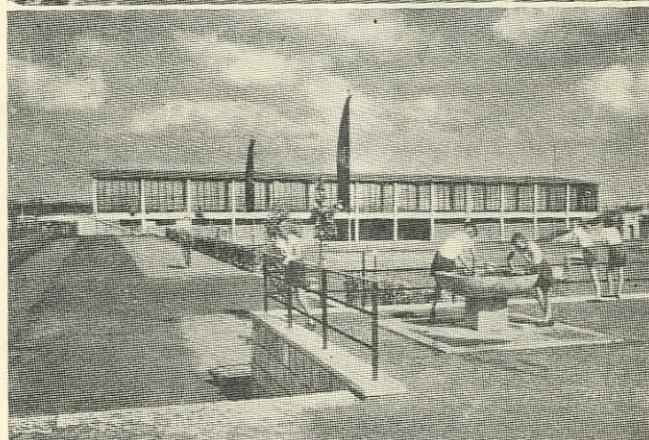
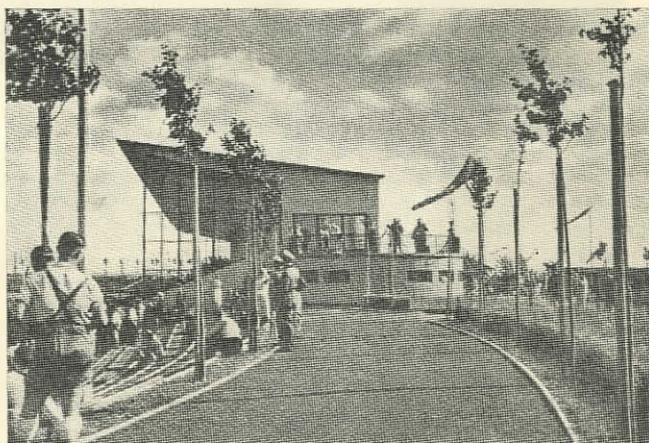
Todos sabemos que é preciso combater este estado de coisas; mas o meio é adverso e são muitos os condicionamentos da nossa actividade. Talvez nos *ateliers*, cuidando melhor a formação dos novos, esteja o começo de uma acção fecunda. Talvez...

KEIL AMARAL

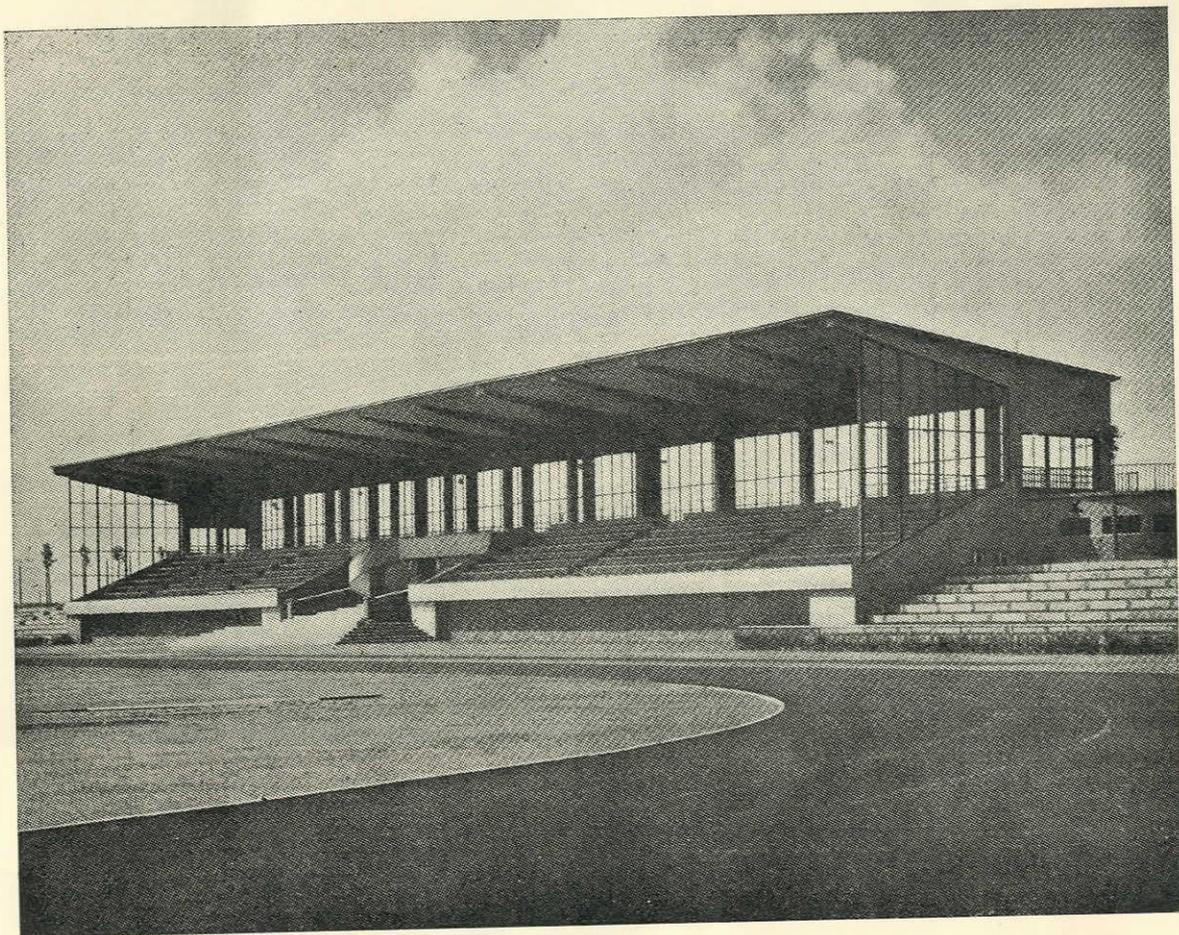
(*) Um daqueles a quem tal mérito não foi reconhecido era o professor de arquitectura de uma das nossas duas Escolas de Belas Artes!!!



TRIBUNAS DO ESTÁDIO WILLY-SACHS
ARQUITECTO KURT DÜBBERS



ALEM ANHA



C O N J U N T O D A S T R I B U N A S V I S T O D O C A M P O D E J O G O S

IGNORAMOS se a guerra poupou esta tão interessante construção, mas fazemos votos para que não tenha sido destruída. É uma obra sem grandes pretensões. No entanto impõe-se pela pureza de linhas e pela sua invulgar franqueza quanto ao sistema e aos materiais de construção usados. Foi projectada para Schweinfurt pelo architecto Kurt Dübbers e integra-se num grande conjunto desportivo constituído por campos de foot-ball, hockey, hand-ball, tennis, terrados para ginástica, recreios para crianças, etc. Desse conjunto, cuja iniciativa e financiamento se devem ao industrial Willy-Sachs, foram autores o já citado técnico e o architecto Paul Bonatz.

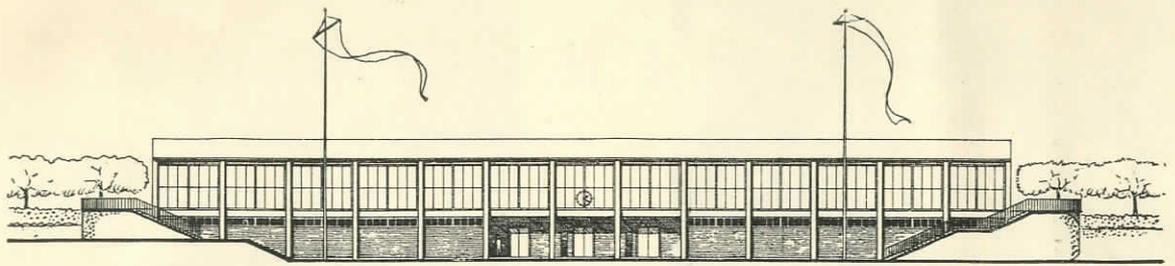
A tribuna, que se destina aos visitantes de honra e convidados dos desafios de foot-ball e grandes competições atléticas, tem capacidade para 1.000 lugares, protegidos da chuva, do sol e dos ventos.

O seu maior comprimento é de 70 metros. As bancadas estão sobre-elevadas em relação ao terreno de jogos e permitem, assim, além de uma melhor visibilidade, o aproveitamento de um amplo espaço coberto para as instalações dos desportistas — vestiários, duches, ginásios, etc., — tal como se pode ver na planta, corte e numa das fotografias que acompanham estas notas.

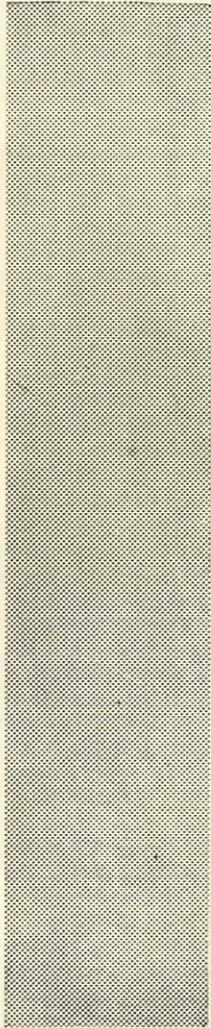
O acesso aos lugares faz-se pelas escadas construídas nos topos do edificio, que conduzem a uma ampla galeria envidraçada, disposta na parte superior das bancadas. Os convidados de honra, porém, entram pelas três aberturas centrais e sobem daí, por uma escada de caracol, para um recinto reservado. Essa mesma escada permite o acesso dos desportistas até junto das autoridades para receberem prémios ou felicitações.

Na construção empregou-se, essencialmente, cimento armado, tijolo, vidro e ferro. A estrutura geral, de grande leveza, e que o architecto teve o bom senso de deixar aparente, é constituída por uma série de tramos espaçados de 5 metros. A cobertura tem apoios do lado poente mas trabalha em consola do lado oposto, com um balanço de 8 metros.

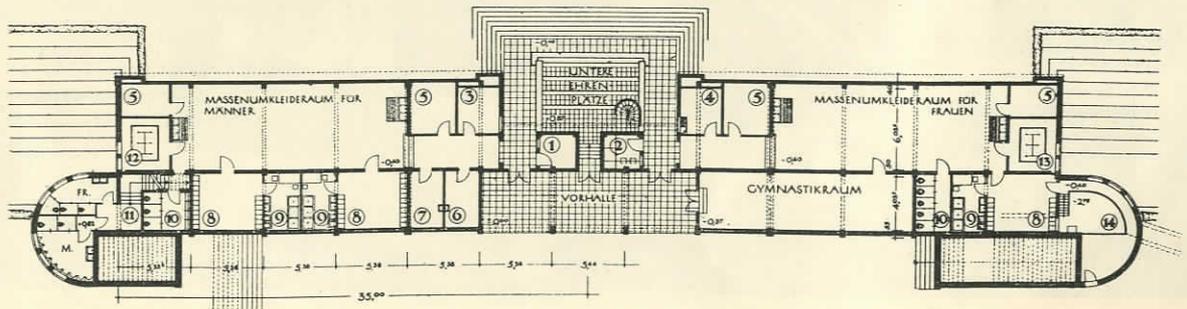
A galeria de acesso às bancadas e dos dois topos das tribunas são envidraçadas.



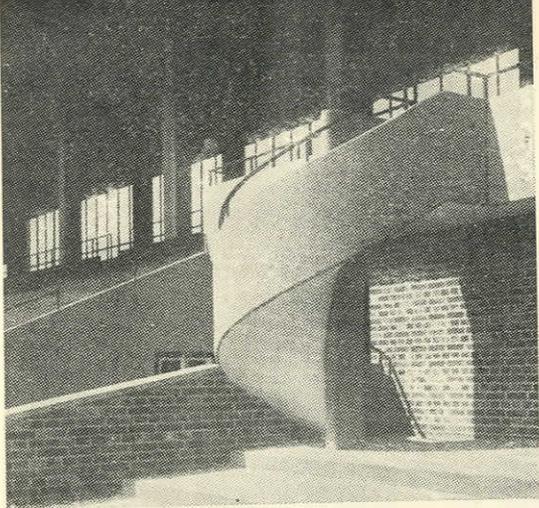
O ALÇADO PRINCIPAL DE UMA GRANDE PUREZA DE LINHAS



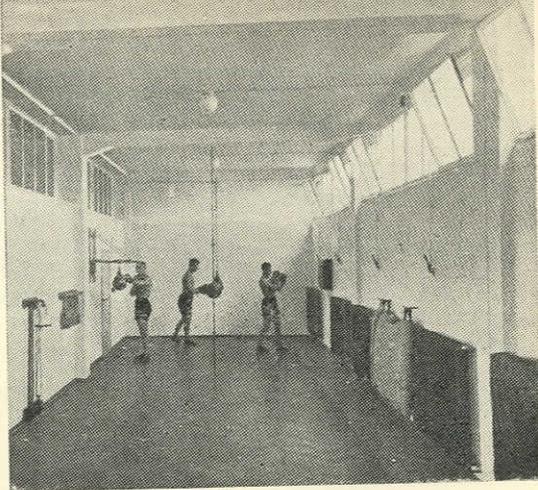
A GALERIA DE ACESSO ÀS BANCADAS



PLANTA DO ESPAÇO LIVRE POR DE BAIXO DAS BANCADAS



P O R M E N O R D A E S C A D A



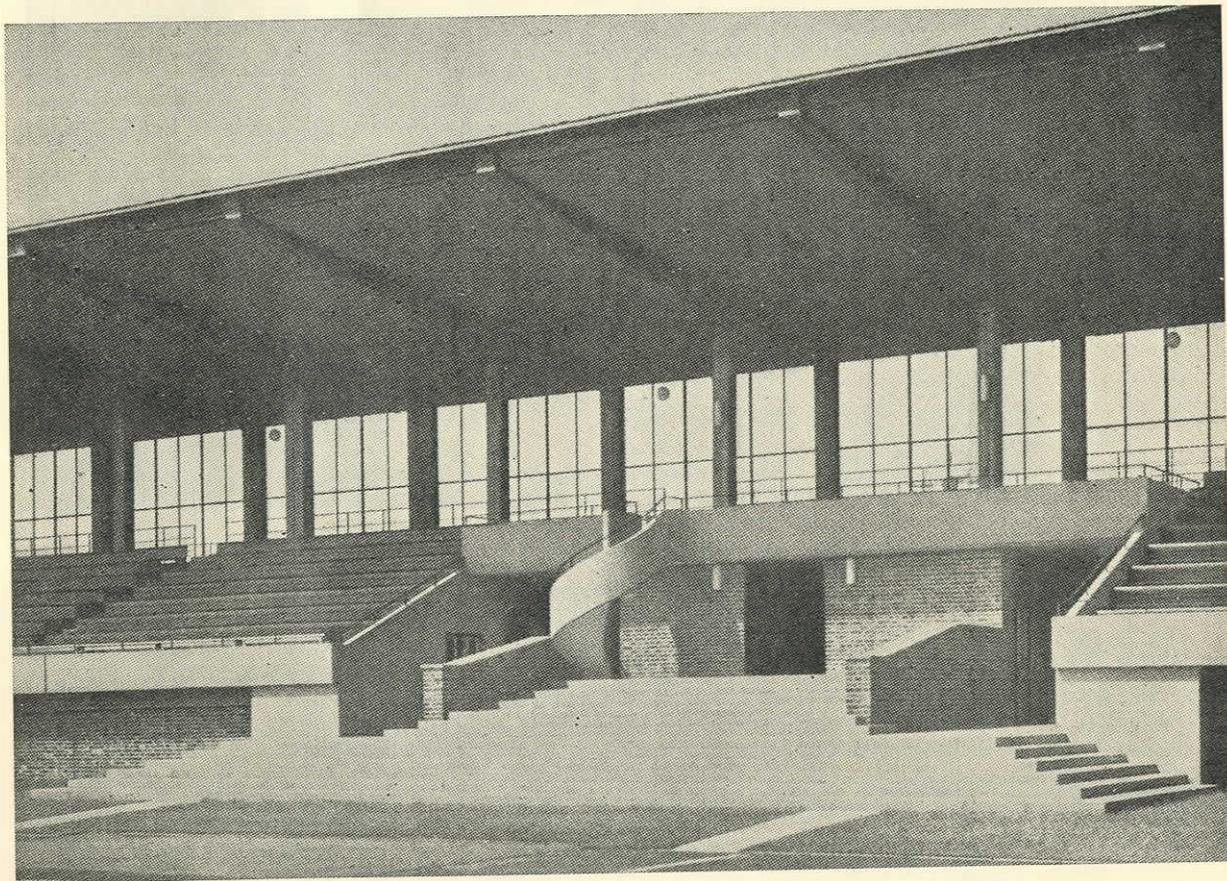
I N T E R I O R D O G I N Á S I O

Os assentos da tribuna são constituídos por bancos de madeira montados sobre uma laje de beton armado, em degraus.

O pavimento da galeria é constituído por placas esquadreladas. No da tribuna foi deixado aparente o cimento de laje.

O edificio, não só no que diz respeito às intalações para os desportistas mas também nos acessos e sobre as próprias bancadas, foi dotado com a necessária instalação eléctrica para permitir a sua utilização em festivais nocturnos.

A Z O N A C E N T R A L C O M O S A C E S S O S A O S V E S T I Á R I O S



E C O S E C O M E N T Á R I O S

UM NOVO CONGRESSO DOS C. I. A. M. — Não é um acontecimento banal nos domínios da Architectura e do Urbanismo um congresso dos C. I. A. M. E o último em data, que se realizou recentemente na pequena cidade inglesa de Bridgewater, revestiu-se, a muitos títulos, de uma importância excepcional.

Teóricos revolucionários das décadas passadas, que acabaram por se impor à consideração dos elementos oficiais de muitos países e dirigem agora a reconstrução das cidades, vilas e aldeias devastadas pela guerra, vieram de todo o Mundo a Bridgewater expor os seus planos, as dificuldades encontradas, os escolhos vencidos e por vencer. Vieram acertar o passo, dar e receber informações úteis. E as vantagens de tal intercâmbio foram largamente postas em evidência.

A razão de ser e os propósitos deste agrupamento de técnicos, entre os quais se contam muitos dos mais prestigiosos architectos e urbanistas do Mundo inteiro, são já conhecidos de todos aqueles que se interessam verdadeiramente por estes problemas, mas parece não contarem ainda em Portugal com a divulgação e a acceitação a que têm jus. E como temos conhecimento de que se esboça no norte do País, entre os architectos e urbanistas de espírito aberto aos problemas do nosso tempo, um movimento de adesão a tais princípios, propomo-nos prestar o nosso concurso a tão louvável iniciativa, divulgando, na medida do possível, os ideais e os trabalhos dos C. I. A. M.

Iniciaremos, assim, já no próximo número, a apresentação da célebre «Carta de Atenas», documento histórico onde se lançaram as bases do Urbanismo Moderno, os fundamentos da renovação dos aglomerados urbanos, com uma precisão e uma clarividência que os anos e a experiência se têm encarregado de acentuar.

A ARQUITECTURA BRASILEIRA. — Não deixa de ser muito agradável para nós, portugueses, verificar o notável progresso que tem registado a architectura brasileira, nos últimos anos. Duas revistas da especialidade — talvez as melhores que hoje se publicam em todo o Mundo — *Architecture d'Aujourd'hui* e *Forum*, dedicaram, quase simultaneamente, uma na Europa e outra nos E. U., volumosos números às obras dos architectos brasileiros, considerados dos melhores do nosso tempo.

Um grupo de jovens architectos, conduzidos pelo talento de Lúcio Costa, professor da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, soube aproveitar determinadas circunstâncias propícias para o desenvolvimento da construção nas cidades brasileiras, e criar realmente uma architectura nova, a que se podem ir hoje buscar ensinamentos proveitosos e soluções para alguns dos problemas fundamentais da arte e da técnica de edificar.

Cita-se, também, como particularmente importante, a influência de Le Corbusier na evolução da architectura do Brasil, pois o grande mestre francês, após um

estrito contacto com os architectos daquele país, conseguiu, na verdade, deixar uma larga sementeira de ideias, que germinaram e se desenvolveram admiravelmente no campo fecundo que Lúcio Costa soube inteligentemente cultivar.

Entre as grandes obras que marcam mais acentuadamente a grande revolução na architectura brasileira figuram o Ministério da Educação Nacional, o arranha-céus da Imprensa e o edifício dos Caminhos de Ferro. Mas não se julgue que a obra se limita aos três edificios típicos. Os architectos brasileiros, graças a um feliz ambiente de compreensão, têm podido executar numerosos projectos, com as mais variadas finalidades, que testemunham bem a renovação fundamental que se operou no campo da architectura do país irmão.

CONCURSO DE MOBILIÁRIO — Nos últimos anos, deu-se um grande passo no sentido de criar um novo estilo para a construção de casas baratas. As necessidades instantes de resolver o problema da habitação — um dos que mais atormentam a humanidade, principalmente, depois da guerra — levaram os architectos a pôr em prática na elaboração dos seus projectos novas ideias técnicas e artísticas. A evolução foi, porém, muito rápida e o problema da habitação não pôde, por isso, ficar completamente resolvido. Faltava acertar os pormenores do arranjo interior, do próprio mobiliário capaz de ficar bem enquadrado no ambiente casas construídas de harmonia com as novas concepções.

Foi esta realidade que levou o Museu de Arte Moderna de Nova York a abrir um concurso de mobiliário, destinado a estimular a fabricação de mobílias desenhadas segundo um estilo e um processo próprios para casas baratas. A iniciativa foi acolhida com entusiasmo e resolveu-se dar ao concurso carácter internacional.

As condições exigidas para o concurso são desenhos adaptáveis à fabricação em massa e capazes de satisfazer as urgentes necessidades do mercado, tendo em atenção que os presumíveis compradores serão, na sua quase totalidade, famílias remediadas, que vivem em casas baratas. As mobílias projectadas deverão ser pequenas e fáceis de deslocar, de guardar e de conservar.

Os concorrentes deverão, além disso, ter presentes os recentes avanços técnicos, no que respeita a novos materiais e processos de fabricação, para se poder obter uma produção intensiva e rápida. Para informações complementares, podem os interessados dirigir-se a: *Museum Design Project, Inc.*, 11 W. 53rd. Street, New York.

PROJECTO DE UMA PISCINA — Por lapso, não dissemos no último número que o autor do projecto da piscina para a Praia do Sol que inserimos então, é o architecto João Simões.

B I B L I O G R A F I A

«THE THINGS WHICH ARE SEEN», por TRYSTAN EDWARDS — A obra vem com o subtítulo de «Uma Filosofia do Belo» e nela se faz um determinado número de curiosas e inesperadas observações acerca de factos que são do conhecimento comum, formulando as suas regras, tendo permanentemente em atenção os imperativos categóricos da própria Natureza, ao mesmo tempo que constantemente situa o artista dentro da sociedade, com prejuízo, portanto, de tudo o que possa considerar-se vestígio da indesejável «Torre de Marfim». Assim, o leitor é facilmente conduzido a considerar quais sejam os elementos permanentes da Civilização, reconhecidos como tais mesmo através dos mais violentos conflitos de ideias.

Na primeira parte da obra, o autor estabelece o que entende por hierarquia das artes e qual ela seja, sem esquecer as regras do convívio humano, as do culto da própria beleza física pessoal e as do vestuário. No conjunto, trata-se de um trabalho cheio de ideias — sempre discutíveis, por certo, pois o que não tem interesse não vale que seja discutido, mas portador de uma sistematização de raciocínio que se acompanha com a maior curiosidade, pois a Filosofia é, se assim lhe quisermos chamar, a própria alma das artes.

Edição John Tirant, Ltd., Londres.

«THE STRUCTURAL STEELWORK», por H. P. SMITH. — É, por assim dizer, um breviário para quem se dedique às construções com armação de aço, no qual, o autor, categorizado engenheiro inglês, enuncia as regras e as fórmulas que o técnico deve ter sempre à vista para a boa execução do trabalho. A parte meramente teórica da especialidade é apresentada apenas onde se torna absolutamente necessária, tendo o autor preferido, pelo carácter essencialmente prático que pretendeu imprimir ao seu trabalho, servir-se do exemplo para abundantemente ilustrar os casos que propõe. Muitos desses exemplos, aliás, como na obra se acentua, foram extraídos da experiência actual, que, como se sabe, é servida por um ritmo de intensidade propício a um contínuo aperfeiçoamento.

Edição Crosby Lockwood & Son, Ltd., Londres.

«PRACTICAL BUILDING TERMS», por PERCY L. MARKS. — Na colecção dos «Technical Press Manuals», foi agora incluído mais este útil e bem organizado volume, que contém uma lista de cerca de duas mil palavras e expressões, correntes na linguagem especializada dos assuntos de construção, ordenadas sob a forma alfabética de um vocabulário, pois cada uma delas vem seguida da respectiva definição. É manifesta a utilidade desta obra, cuja repetida consulta se revelará provei-

tosa para todos os profissionais da construção, especialmente para aqueles que tenham de consultar livros técnicos escritos em língua inglesa.

Edição da The Technical Press, Ltd., Londres.

«GOTHIC ENGLAND», por JOHN HARVEY. — Trata-se de um belo livro, ordenado à luz de um critério denunciador de admirável inteligência e documentado pela presença de numerosas, variadas e excelentes gravuras. Ao contrário, porém, do que possa supor-se, não se trata, apenas de um apanhado de ideias sobre o gótico visto sob a sua influência nas artes plásticas, mas nas artes em geral. Ele é, antes, uma vista de conjunto sobre todos os valcres artísticos revelados no século e meio que decorre entre 1300 e 1550, no qual o autor tem o mérito novo de quebrar o misto da despersonalização do gótico, para o individualizar concretamente, através de uma sistematização de ideias permanentemente apoiada em factos e documentos.

A obra é ainda valorizada por uma série de apêndices, um dos quais nos dá uma interessante lista de algumas referências literárias às obras de edificação mais significativas desta época.

O valioso trabalho é enriquecido por mais de 150 gravuras, algumas delas em cores, reproduzindo motivos capitais das artes desses 150 anos, tão ricos de carácter e de sugestões.

Magnífica a edição, de B. T. Batsford, Ltd., Londres.

ACOUSTICS FOR ARCHITECTS, por E. G. RICHARDSON. — O conhecimento das regras e características do som torna-se cada vez da maior importância para os architectos. Com efeito, tudo quanto se refere à propagação e difusão do som, poder acústico, condições de isolamento, etc., constituem elementos que necessariamente têm que ser considerados numa grande variedade de construções que a vida moderna torna cada vez mais frequentes, tanto no que diz respeito às próprias linhas da construção como no que se refere à escolha dos materiais. Neste precioso volume incluem-se meticolosas informações sobre cada um dos referidos escalões de conhecimento, ordenadas segundo a reflexão da experiência, documentadas e ilustradas por muitos exemplos, esquemas, regras e fórmulas. No capítulo dos materiais encontram-se ainda preciosas informações sobre os resultados das últimas experiências nesse campo, com indicação precisa do que mais convém adoptar em cada caso concreto.

A autoridade do autor, E. G. Richardson, leitor de Física na Universidade de Durham, faz deste livro, editado por Edward Arnold & C.^a, de Londres, um valioso elemento de consulta para todos os architectos.